 labeca	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
		1 de 13

ETIENNE, R.; MULLER, C.; PROST, F.

2000. *Archéologie Historique de la Grèce Antique*. Paris, Ellipses: 32-48.

[tradução: Elaine F.V. Hirata¹; revisão Labeca]

A história da Grécia tem sido contada a partir do século XII a.C. – fim do sistema palacial em Micenas - e, os manuais mais frequentemente tratam da chamada época *histórica*, o momento em que a pólis aparece (a partir do séc. VIII) e passa a dominar o cenário da vida dos gregos até a conquista romana.


Na verdade, a ocupação da península balcânica e do que podemos chamar *mundo Egeu* remonta a tempos bem mais recuados. Neste texto pretendemos focar o espaço cronológico compreendido entre os anos 3 000 e 1100 a.C. conhecido como a *Idade do Bronze*. Neste período a área egeia conheceu sistemas culturais caracterizados pelo papel central desempenhado pelos palácios especialmente em Creta e na Grécia continental.

Neste sentido há uma aproximação relativa aos modelos de organização espacial (e talvez política e social) do Oriente Próximo, também focalizados no palácio e que são datados do IV milênio, portanto mais antigos².

Os contatos devem ter sido sistemáticos e constantes desde então levando a empréstimos culturais mútuos. O processo de neolitização nos Bálcãs foi atribuído, não sem uma grande polêmica, a uma transposição das principais

¹ Este texto é uma tradução adaptada (com inserção de observações da tradutora) do cap. 4. “A Grécia dos Palácios “ em Etienne, R., Muller, C.; Prost, F. – *Archéologie Historique de la Grece Antique*” , Paris, 2000:32-48

² Esta aproximação entre o mundo Egeu e o Levantino é atestada desde o IX milênio a.C. por meio, por exemplo, dos achados de obsidiana oriunda de jazidas médio-orientais em sítios do Egeu

	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
labeca		2 de 13

inovações – a domesticação de plantas e animais – do Crescente Fértil, onde teria ocorrido antes.



Assim, por volta de 2100 a.C. é possível detectar arqueologicamente no Egeu a instalação de um sistema político, econômico e social totalmente centralizado nos palácios. Estas estruturas surgem primeiro em Creta (cultura conhecida como *minóica*) e só por volta de 1400 a.C. atingem o continente, com a construção de palácios nos sítios de Tirinto, Pilos e Micenas, centros da cultura dita *micênica*.

Os minóicos e os micênicos viveram pois, na porção oriental do Mediterrâneo. No início do século XX d.C., Sir Arthur Evans iniciou uma exploração arqueológica no sítio de Cnossos (uma ocupação muito mais antiga, de época neolítica) recuperando, em estratos mais recentes, documentos referentes à cultura minóica.

Na Grécia, desde 1874, H. Schliemann acreditava ter encontrado em Micenas os testemunhos materiais do mundo relatado por Homero na *Ilíada*. A partir daí constituiu-se uma tradição de pesquisas que via no poeta um historiador, cabendo aos arqueólogos descobrir os comprovantes materiais da veracidade do texto homérico.

Pouco a pouco, as escavações arqueológicas e a decifração, em 1952, do Linear B - uma das escritas da época do Bronze³ – demonstraram que os poemas homéricos não descrevem o mundo micênico. (V. adiante) O linear B é um dialeto grego escrito por meio de ideogramas e signos silábicos, com registros administrativos dos palácios micênicos Inscritos em tabletes de argila sem cozimento eram guardados em arquivos nos palácios.

³ Ao lado do Linear A e da escrita *hieroglífica cretense* ainda não decifradas.

	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
		3 de 13


Os primeiros palácios cretenses – 2100 – 1700 a.C.

As escavações arqueológicas em Creta indicam que a partir de 2100 a.C. ocorre um desenvolvimento considerável tanto do ponto de vista demográfico quanto urbano: adensamentos da ocupação do espaço contrastam com os sítios espalhados pelos campos característicos do período anterior. Os sítios de Cnossos e Faistos datam do Neolítico mas Malia e Zakros de 2300-2100 a.C.

Estes assentamentos parecem estar distribuídos em regiões dominadas por um palácio. Cnossos, Faistos, Malia e Zakros apresentam uma organização arquitetônica centrada em um pátio central, ao redor do qual articulam-se conjuntos complexos de construções provavelmente constituídos de quarteirões funcionais.

Ao redor do pátio central estão presentes grandes peças guarnecidas, por vezes, de pilares e colunas. Seriam apartamentos privados, salas com função religiosa ou destinadas a cerimônias oficiais. No palácio de Malia foram encontradas duas espadas de aparato em espaços desta natureza.

Também são identificadas zonas de estocagem de produtos, espécies de lojas, armazéns, e silos enterrados. Em Festos foram descobertos estes tipos de armazéns do primeiro palácio entremeados com espaços dotados de dois ou três andares. Percebe-se nestes espaços remanejamentos rápidos que “atestam um dinamismo econômico e uma centralização sempre mais eficaz das produções: em Cnossos, por volta de 1800 a.C. são construídos novos armazéns na ala oeste do palácio, ao mesmo tempo que são edificadas entradas ao norte e oeste e um quarteirão doméstico” (*Hist.Arch.*:33)

 labeca	A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico	Fev/2014
		4 de 13


Os palácios sinalizam uma nova organização econômica, política e social que se integra a uma estruturação territorial de Creta, comportando áreas delimitadas às vezes por um tipo específico de produção cerâmica. Não há, no entanto, como precisar as relações entre os palácios e seus assentamentos rurais e mesmo os sítios urbanos de proporções menores como Palaikastro, Gournia, Pyrgo.

Os tabletes com inscrições e os selos administrativos dos armazéns assim como das áreas de estocagem dos palácios, indicam o controle da exploração do território e das atividades artesanais. Estes selos, indicando a organização e o controle, foram encontrados aos milhares em Festos e em Malia (quarteirão Mu). As áreas de estocagem indicam a produção e o armazenamento de excedentes agrícolas que o palácio controlava com rigor seja na entrada quanto na saída.

O comércio

Os palácios são eixos de uma atividade comercial de nível internacional. Praticava-se a metalurgia da prata, cobre, estanho, chumbo para a fabricação de novos tipos de armas (espadas de aparato), vasos (cântaro em prata de Gournia; vasos em prata e ouro de Tôd (Egito) fabricados em Creta), joias (pendente de abelhas da necrópole de Malia, Chryssolakkos).

A produção metalúrgica implica importação de metais e, portanto trocas com as Cíclades e a Grécia continental. Em Cítera foi fundada uma colônia minóica – Kastri – que intermediava as relações com a Lacônia e a Argólida.

	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
<p>labeca</p>		5 de 13

Foram encontrados fragmentos da cerâmica dita de Camarès, de fabricação palacial (Cnossos, Faistos, Malia) em sítios do Oriente Próximo e do Egito.

Nos palácios cretenses foram encontrados objetos preciosos vindos da Síria e cilindros da primeira dinastia babilônia.

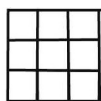
Em síntese, o palácio não só escoia a produção de seu território mas troca com o Mediterrâneo oriental.

A religião

Ao mesmo tempo em que se constroem os palácios são detectados vestígios arqueológicos relativos à eclosão de fenômenos religiosos novos: *grutas* próximas aos novos assentamentos são transformadas em áreas de culto. É o caso, por exemplo, da gruta de Camarès, perto de Festos, sobre o flanco do monte Ida.

Surgem os *santuários de pico*, numerosos em especial nas porções central e oriental da ilha de Creta. Estas áreas sagradas situam-se em uma montanha ou colina, com cercamento simples, e são identificadas pelo achado de restos de fogueiras sacrificiais com figurinhas de animais ou seres humanos, ou partes do corpo humano em miniatura, feitos em terracota, dedicados em pagamento por uma cura.

Os santuários de pico estão localizados próximos de aglomerações urbanas como Petsofas perto de Palaikastro ou no monte Iouktas perto de Cnossos o que tem levado alguns arqueólogos a “se perguntar se estes santuários novos não teriam contribuído para definir os limites de um território no momento da emergência dos palácios” (*Hist.Arch.*:35). Imagina-se,

	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
<p>labeca</p>		6 de 13

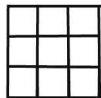

paralelamente, que o palácio tenha contribuído para a criação de um corpo sacerdotal. Difícil é saber o que mudou na prática religiosa.

O reconhecimento dos locais de culto – palaciais ou não – é feito pelo material característico, encontrado por toda a ilha: mesas de oferenda em argila ou pedra; moluscos com conchas naturais ou imitados; cornos de consagração, machados-duplos. Também aparecem personagens com grandes penteados, pintados em vasos, cenas que sugerem dança e só.

Segundo Alan Peatfield (Placing, 1994:9) o fim do sistema palacial minóico representou um colapso das estruturas políticas e econômicas e possivelmente também na religião. Para o autor, ocorre uma desintegração das relações entre as áreas sagradas e uma reformulação significativa de um dos principais elementos simbólicos do culto, a iconografia a Deusa Minóica.

Neste sentido, Peatfield critica as mais antigas teorias sobre a religião minóica que tende a ser vista como um “construto sincrônico” criado por sítios e artefatos em temporalidades distintas. Os artefatos minóicos permitem reconhecer certas persistências no campo da religião minóica: foco em uma divindade feminina, símbolos como o machado duplo e os cornos de consagração, animais dotados de significados fortes como os pássaros e o touro, e ênfase em elementos da natureza.

No entanto há que se observar que o uso contínuo destes elementos não implica que os seus significados permaneçam os mesmos. Citando Rapoport (nota 2) podemos concordar que “somente em sua capacidade de redefinir seus símbolos uma sociedade mantém sua vitalidade espiritual” e acrescentamos, para que a mudanças da sociedade encontrem uma ressonância nas práticas religiosas. A religião minóica soube se “ajustar” às mudanças ocorridas nos períodos Pré e Proto, Neo e Pós Palacial.

	A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico	Fev/2014
		7 de 13

A sociedade

Pensa-se que os reis, mais do que sacerdotes, tinham o poder em Creta. Possivelmente apoiados por uma administração de altos funcionários – viveriam nos grandes edifícios anexos aos palácios? – e situados no topo de uma hierarquia social revelada pelo achado de objetos de prestígio com as espadas de aparato achadas em Mália.


Os cemitérios sugerem também a hierarquização: ao lado das ricas tumbas de Chryssolakkos, Malia, em Messara (sul de Creta) há grandes tumbas circulares e coletivas com material valioso: armas, selos, vasos de pedra e argila. Ao lado das sepulturas familiares com abundante material cerâmico há tumbas individuais em jarros ou sarcófagos.

Os primeiros palácios são destruídos brutalmente em 1700 e as causas são objeto de discussão: crises internas que seriam decorrentes de disputas entre os palácios?

Os palácios são em seguida reconstruídos dando início à época de apogeu.

Apogeu da cultura minóica: 1700- 1450 a.C.

Dentre os palácios reconstruídos, o de Cnossos sobressai: a monumentalização se amplia, com a construção da fachada oeste, a Grande Escadaria, os relevos pintados na Entrada Norte. A arte palacial também se desenvolve mais com os objetos em faiança, marfim, vasos em pedra.

	A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico	Fev/2014
labeca		8 de 13

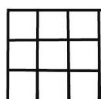
Aparecem também as primeiras *vilas* rurais que terão um importante papel na administração territorial. Sugere-se que Cnossos teria assumido certa proeminência em relação aos demais palácios.

Os minóicos fora de Creta

Há um tema muito reforçado pelos testemunhos literários mas que é nuançado pela arqueologia: a talassocracia minóica. Minos, rei lendário de Creta aparece no imaginário grego, a partir de fontes como Heródoto (I,171,173), Tucídides (I,4) e Diodoro (V,79,2) como uma figura fabulosa, criador de um império colonial (englobando as Cíclades, costa da Ásia Menor, norte do Egeu e sul do Peloponeso) assegurado por uma poderosa frota naval.

A arqueologia vem demonstrando que fora Cítera, áreas de Rodes e Cós, com presença comprovada de ocupação minóicas, não há outros vestígios que comprovem a presença minóica nas Cíclades. Ao contrário, na época dos segundos palácios, as Cíclades apresentam um desenvolvimento próprio, com contatos com traços da cultura minóica, mas comportando vilas independentes, estrategicamente situadas em rotas comerciais do Egeu usadas pelos cretenses.

As relações com o continente grego, o Peloponeso em particular, tornam-se entre 1700 e 1600 importantes à medida que, nesta época, entram em contato com representantes de uma cultura nova que teria um grande futuro pela frente – a micênica que toma este nome de um sítio da Argólida, Micenas,

	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
<p>labeca</p>		9 de 13

famoso desde que Homero o cantou como o reino de Agamenon e Schliemann assim o identificou.

As aristocracias da Argólida, Messênia e Lacônia trocavam produtos com os cretenses obtendo os artigos de luxo lá produzidos. Também a cerâmica cretense passa a ser abundante nos estratos micênicos levando a composições híbridas. Há inclusive uma teoria sobre a presença de ceramistas cretenses no continente (levando em conta a grande proximidade estilística).


O desenvolvimento da cultura micênica

Estes achados não devem ser interpretados como indício de dependência dos micênicos em relação aos minóicos. As aristocracias continentais enriquecidas importavam tal tipo de produtos como marcadores de seu status social. A religião, a arquitetura e a sociedade micênicas surgem a partir de um desenvolvimento próprio e seguem uma trajetória ainda pouco conhecida pois é pouco “visível” materialmente mas que tem originalidade.

As origens não são ainda conhecidas mas certos traços marcantes aparecem desde c.1700 a.C. e vão se afirmando até 1450, período de formação da civilização micênica. Quando a arqueologia atesta a presença da aristocracia continental micênica, nas trocas no Egeu, as características essenciais desta cultura já estão definidas.

As tumbas

As tumbas são as maiores fontes de informação sobre esta primeira época micênica. Pouco se conhece dos assentamentos anteriores aos palácios

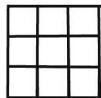
	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
<p>labeca</p>		10 de 13

de Micenas, Pilos ou Tirinto, fora as chamadas “casas de chefe”, compreendendo um mégaron, sequência de peças retangulares, dispensas e anexos como a casa “D” de Asine, na Argólida que deveriam dominar as planícies e fortificações como a cidadela de Kiapha Thiti, na Ática. Podemos levantar hipóteses sobre o nascimento de uma planificação urbanística com vestígios tão poucos?

As tumbas trazem um pouco mais de luz sobre o mundo micênico : inicialmente o “Circulo A” de Micenas, descoberto por H. Schliemann era a única fonte. Constituído de tumbas em fossa situadas no interior da cinta murada e fortificada era o norteador das reconstituições arqueológicas até que se encontrou, fora dos muros, o “Circulo B” , um pouco mais antigo do que o “A”.

Paralelamente os achados e estudo mais rigoroso das sepulturas do período em outros sítios da região vieram a definir um quadro mais preciso das praticas funerárias micênicas.

Sabemos hoje que vários tipos de tumbas coexistiram : **a tumba em cista** era a mais difundida, herdada da época anterior; as **tumbas em fossa** essencialmente atestadas nos Círculos A e B de Micenas e muito esporádicas na região. Continham até cinco corpos e sua presença era indicada por grandes placas de calcário esculpidas em relevo com cenas de guerra, caçadas, combates de animais e motivos decorativos à base de espirais; a tumba em câmara e a tumba em *tholos* também caracterizam o período. São constituídas de um corredor – o dromos – de uma entrada e de uma câmara retangular talhada na rocha pra a tumba em câmara; para a tumba em *tholos*, uma câmara circular e recoberta de uma abóboda. Estes dois tipos vão se impor no conjunto do mundo micênico.

	A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico	Fev/2014
labeca		11 de 13

A sociedade micênica

O material descoberto no interior das tumbas não nos permite precisar a organização social e política dos micênicos (oligarquia? monarquia?) mas indica princípios estruturantes da sociedade e de suas elites. Nas tumbas da Argólida e da Messênia constata-se uma riqueza material extraordinária.

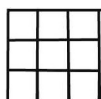
As tumbas do Circulo B compreendem além da cerâmica, espadas, punhais ou pontas de lança em bronze, elementos de adorno em ouro; grandes alfinetes com cabeça de cristal; máscara em *electrum*; um vaso em cristal de rocha em forma de pato.

As tumbas III, IV e V do Circulo A foram encontrados, dentre outras oferendas, vasos em ouro, prata, bronze, alabastro, faianças, “rytha” de ouro ou prata (um decorado com uma cena de tomada de uma vila), 27 espadas, botões em marfim, dentes de javali provenientes sem duvida de elmos, coroas, diademas, 3 máscaras em ouro.

Na Messênia, as tumbas em *tholos* da região dispunham de material comparável, com exceção das máscaras em ouro, que até hoje permanecem uma particularidade de Micenas.

A organização das sepulturas, comuns a muitos mortos, levanta a hipótese de elites sociais estruturadas em grandes famílias e , para os chefes, linhagens dinásticas. A presença de armas e armas de prestígio (de aparato) sugere a possibilidade da existência de uma aristocracia guerreira.

Os punhais , por vezes incrustados de ouro, de prata com a empunhadura recoberta de ouro ou bordada com fios de ouro, as espadas, de dois tipos, uma

	<p style="text-align: center;">A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico</p>	Fev/2014
<p>labeca</p>		12 de 13

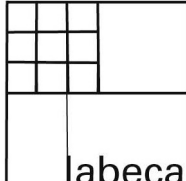
longa e pesada com lâmina estreita, de perto de um metro (Tipo A) , a outra, mais leve, dotada de lamina mais curta, mais larga (Tipo B) testemunham a variedade do armamento e a perfeita maestria das técnicas empregadas.

O guerreiro micênico portava um elmo com dentes de javali, seu armamento e um escudo “em oito”, de origem cretense, ou um escudo semicilíndrico, sendo os dois registrados nos monumentos figurados. Dispunha de um carro de combate que poderia servir também para a caça. Os pesquisadores se interrogam sobre a origem de um ou outro material – cretense, egípcio, oriental? – mas, mesmo importados, mais que uma dependência econômica, tais objetos de luxo e de guerra mostram a que tal ponto esta aristocracia guerreira micênica se integra nas redes de trocas do Egeu oriental, provavelmente graças a relais creto-cicladicos.

Os micênicos em Creta (1450 – 1300 a.C.)

A partir de 1450 a.C. o sistema palacial minóico entra em processo de desintegração que se estende até 1380: nesta data os documentos egípcios não falam mais dos Keftiou mas exclusivamente dos micênicos. O artesanato palacial até então centralizado em Cnossos agora é disperso e sofre a concorrência crescente das importações micênicas.

Entre 1450 e 1375, Creta vive um período de transição turbulento que as pesquisas recentes tem esclarecido um pouco mais. Os arqueólogos concordam em atribuir a destruição dos palácios minóicos a eventos guerreiros violentos mas divergem quanto aos agentes : conflitos internos em Creta ou a chegada dos micênicos?

	A Grécia dos Palácios: Uma introdução aos sistemas palaciais minóico e micênico	Fev/2014
		13 de 13

A segunda hipótese se apoia em certo número de indícios: as formas de vasos micênicos presentes, novas decorações pictóricas chamadas “estilo do Palácio” aparecem entre as produções cretenses. Além disso, as práticas funerárias se transformam incontestavelmente sob a influência micênica, aparecem, nesta época, as primeiras tumbas em *tholos* (em Cnossos, Archanes) ou em câmara (em Archanes), e nas “tumbas de guerreiros” o morto é inumado com armas de aparato ou objetos preciosos (mobiliário em marfim, joias) comparáveis ao material dos Círculos de Micenas.

A pesquisa sobre as tabletas de Cnossos em Linear B, o dialeto micênico, vem revelando novos dados quanto à cronologia das fases por que passa a administração do palácio não se restringindo ao séc. XIII como se imaginava anteriormente. De acordo com as informações das tabletas o palácio teria sofrido cinco destruições sendo que a mais antiga poderia remontar à 1450. Isto prova que desde então a língua grega - micênica – era utilizada na gestão palacial.

Depois de 1370, destruído o sistema palacial de Cnossos, Creta se compõe de um mosaico de aldeias que progressivamente se impregnam da cultura micênica.

A extensão da civilização micênica (1450-1300 a.C.)

A extensão geográfica da civilização micênica é tal, a partir de 1400, que ela forma uma unidade, uma *koinê*, que os arqueólogos chegam a medir graças não somente graças a certos traços de civilização, como as práticas funerárias mas também tendo por base a área de difusão da cerâmica micênica.